

# CURA E LIBERTAÇÃO

## O fato

O pentecostalismo evangélico e católico, com sua leitura fundamentalista da Bíblia, reduziu as narrativas evangélicas de milagres e curas em episódios de atendimentos a casos individuais e solução divina de problemas pessoais. Isso os levou a mudar o sentido da palavra libertação. Paulo VI na *Populorum progressio* falava de libertação integral do homem todo e de todos os homens. Agora libertação é solução de problemas pontuais e individuais.

Isso levou até ao absurdo de transformar a celebração da Morte-Ressurreição do Senhor e de nossa comunhão com ele em fetiche de curandeirismo. O que deveria ser o ápice, o ponto de chegada da vivência cristã, vira instrumento do “Deus da troca” (DGAE n. 15), a serviço dos interesses individuais.

## Causas e conseqüências

A causa principal disso é o individualismo avassalador que tem muito mais a ver com o pecado do mundo do que com a cruz salvadora. A consequência mais perversa é a perda da Fé, compromisso com o Messias Crucificado, trocada pela fé, credence ingênua, da qual se pode aproveitar (DGAE n. 22).

## E as curas nos Evangelhos?

Um dos grandes erros do fundamentalismo, segundo o Documento da Pontifícia Comissão Bíblia sobre a Interpretação da Bíblia na Igreja, é confundir ingenuamente a última etapa da redação dos Evangelhos com a primeira (*Paulinas*, São Paulo, p. 85). A primeira são os fatos, o que Jesus fez e disse. A última são os Evangelhos atuais. É erro fundamentalista achar que o que está nos Evangelhos é exatamente o que aconteceu.

Não há dúvida de que de Jesus saía uma força que fazia bem a todos. Não fosse assim ele não teria atraído tanta gente a segui-lo, não teria tanta autoridade diante do povo, nem seria ameaça aos dirigentes, que não cuidariam de fazê-lo crucificar. Ele fez, sem dúvida, coisas extraordinárias.

Os Evangelhos retomam o que já fora escrito sobre ele em base ao que contavam os que o tinham conhecido e reelaboram mais uma vez esses fatos a fim de iluminar e reforçar a Fé de sua comunidade (Lc 1,1-4). Nos quatro Evangelhos temos diferentes versões dos mesmos acontecimentos, preocupadas não com a exatidão histórica, mas com o significado que o fato tem na sua comunidade.

No Evangelho de João, depois do episódio dos pães, o povo vai à procura de Jesus. E ele diz (Jo 6,26): “Vocês estão me procurando não porque viram sinais, mas porque comeram até matar a fome”. O que importa é o sinal, o quê que aquilo significa para todos, não o benefício individual. Cabe lembrar a primeira palavra de Jesus no Evangelho de João: “Que é o que vocês estão procurando?”.

Curas de cego. No Evangelho de Marcos duas curas de cego estão uma no início e outra no final da caminhada de Jesus para Jerusalém, para o confronto final com os inimigos e a cruz.

No início (8,22-26) é fora da cidade, afastado do pensamento único deste mundo, que o homem pode abrir os olhos. É um processo. Quando ele já está enxergando claro e ao longe, Jesus o manda para casa, proibindo-o entrar na cidade. É

como se dissesse: “Vai para o teu grupo de reflexão e não deixa que a Globo faça a tua cabeça”.

No final da caminhada, muitos estavam admirados com a coragem de Jesus, os doze Apóstolos vinham brigando por poder e prestígio, se alguém seguia Jesus, ia com muito medo (10,35-45). O cego de nome Bar-Timeu (filho da honra) está sentado, à beira do caminho, pedindo esmolas. Parado e dependente. Clama por Jesus como Messias nacionalista: ‘Filho de Davi’. Mesmo assim, Jesus o atende. Ele joga seu manto (sua individualidade) para trás, pula de pé e vai até Jesus. Já enxergou, sua Fé, compromisso com Jesus, o curou. Ele vai seguindo Jesus pelo caminho.

No Evangelho de João (cap. 9), o cego é de nascença. Estava nas proximidades do Templo, nasceu guiado pelos mestres fariseus. O que sai da boca de Jesus (sua palavra) e o pó do chão formam um barro que cria novamente o ser humano no cego de nascença. Batizado, ele é iluminado, passa a enxergar por si, agora ele é gente. Os fariseus, evidentemente, não querem perder o seu cego, isso vai acabar o com o modelo de organização guia-cegos. Mas é o que Jesus quer.

*José Luiz Gonzaga do Prado*